

**Boletim Semanal\* – 25/2021 – 24 de junho de 2021**

**FEIJÃO**

*\*Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

De acordo com a revisão dos técnicos do DERAL, os números da produção da segunda safra de feijão 2020/21 apresentam redução. O volume esperado é de 271 mil toneladas, redução de 231 mil toneladas quando comparado à produção inicialmente estimada. A redução percentual já é de 46%. As perdas de produção estão distribuídas pelo estado, mas as maiores concentrações por volume estão nos Núcleos Regionais de Pato Branco, Ponta Grossa, Francisco Beltrão, Guarapuava, Laranjeiras do Sul e Cascavel.

As perdas na safra de feijão decorrem principalmente da redução ou ausência das chuvas em praticamente todo o seu ciclo vegetativo. A estiagem que se prolonga por meses em nosso estado, somada às baixas temperaturas, durante o mês de maio, contribuiu para uma acentuada redução da produção.

Até este momento, já foi colhida cerca de 97% da área cultivada e o restante deverá ser concluído nos próximos dias. O produto colhido até esta data não apresenta boa qualidade, principalmente pela má formação dos grãos. Atualmente as condições das lavouras são as seguintes: 57% ruins, 25% médias e 18% boas. O perfil

da produção desta safra apresenta 44% de feijão cores e 56% de feijão preto.

O Paraná é o principal fornecedor nacional de feijão nesta época do ano, mesmo com a forte redução da produção. No momento, o mercado está travado e com poucos negócios. Os preços estão em queda nos últimos dias. Durante a semana de 14/06 a 18/06/21, os produtores receberam, em média, R\$ 253,44/sc de 60 kg para o feijão cores e R\$ 240,97,00/sc de 60 kg para o preto. Comparando-se à semana anterior, o feijão cores baixou cerca de 1% e o preto 2,5%. Mesmo assim, esses valores são considerados satisfatórios para os produtores.

O abastecimento do mercado nacional de feijão cores tem procedência de colheitas em sua grande maioria do estado do Paraná, e o restante de Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A safra brasileira de feijão preto está chegando ao fim, e o Brasil poderá depender da importação principalmente da Argentina.

**Boletim Semanal\* – 25/2021 – 24 de junho de 2021**

**FLORICULTURA**

*\*Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

O mercado nacional de flores e plantas ornamentais projetou um crescimento real entre 10% e 15% em 2020, e estima para o ano corrente uma elevação de 2% a 5%, ainda sob influência da Covid-19, informa o Instituto Brasileiro de Floricultura – IBRAFLOR.

Com os hábitos alterados pelas medidas quarentenárias, como o cancelamento de festas e eventos e a ampliação do teletrabalho e do isolamento social, os produtores e consumidores tiveram de se adaptar aos novos tempos.

As flores de corte sofreram imediatamente os prejuízos, e a permanência das medidas restritivas induziu o setor produtivo a uma reprogramação das operações a campo e comerciais.

Articulações políticas demonstrando a importância do negócio de flores, posicionando-o como serviço essencial, foram necessárias para a manutenção e continuidade da atividade.

O resgate ao funcionamento das floriculturas, dos centros de jardinagens e supermercados durante a pandemia demonstraram-se fundamentais para o segmento, aquecendo a comercialização nas datas comemorativas.

A opção por flores e plantas via *delivery* instaurou-se como padrão, quer seja para consumo próprio ou para pequenas decorações, o que revela uma mudança de comportamento do consumidor.

Desta forma, mesmo com as perdas observadas até meados de setembro passado, os R\$ 9,57 bilhões em receitas geradas em 2020, frente aos R\$ 8,7 bilhões do ano anterior, aferiram os 10% de aumento na comercialização projetados, informa o Instituto.

No Paraná, as informações preliminares da Floricultura em 2020 cotejam uma redução de 12% nos volumes produzidos, reflexo das reduções na demanda influenciadas pela crise pandêmica instalada a partir de março do ano passado.

Os Gramados e as Plantas Perenes apresentaram quedas de 8% e 25%, em ordem, nas quantidades cultivadas. Os Crisântemos em vaso e em maços decresceram 41% e 21% respectivamente; as Roseiras diminuíram em 53% a produção, além de outras espécies.

Em contraponto, as Mudas de Árvores para Arborização tiveram incremento de 34%, a Cravina, as Orquídeas e o Beijo Americano

**Boletim Semanal\* – 25/2021 – 24 de junho de 2021**

demonstraram uma evolução positiva de 8%, 4% e 2%, na sequência.

Considerando o progresso do consumo per capita de flores, hoje em R\$ 45,79, quando em 2019 tenha sido R\$ 42,00 (IBRAFLOR), e a recuperação do emprego, da renda e da saúde dos brasileiros na medida que a praga se arrefeça, sinalizam para tempos e abraços cobertos de flores e bem-estar.

## SOJA

*\*Economista Marcelo Garrido Moreira*

O levantamento mensal referente ao mês de junho divulgado pelo Departamento de Economia Rural confirmou uma produção de soja de 19,79 milhões de toneladas no ciclo 2020/21. Esse volume é cerca de 5% inferior ao obtido na safra colhida no ano de 2020. Já em comparação com a estimativa inicial esperada, a redução foi de 4%, ou aproximadamente 830 mil toneladas que deixaram de ser produzidas. A área cultivada foi de 5,59 milhões de hectares, com um acréscimo de 2% em comparação com o ano de 2020.

Influenciada por fatores climáticos, que afetaram as lavouras em praticamente todas as regiões, a produtividade média estadual foi cerca de 3.539 kg/ha, 7% inferior à obtida no ano de 2020.

Segundo o levantamento, do total colhido, 15,1 milhões de toneladas, ou mais de 76% já foram comercializados pelos produtores paranaenses. No mesmo período de 2020 a quantidade comprometida havia sido de 18,1 milhões de toneladas ou 87,5% do total colhido.

Com relação às cotações, entre os dias 14 e 18/06 o produtor paranaense recebeu em média R\$147,27 pela saca de 60kgs. No mesmo período do ano de 2020, a mesma quantidade foi comercializada por aproximadamente R\$ 92,00.

## MILHO

*\*Administrador Edmar Wardensk Gervásio*

A produção atual esperada para a segunda safra de milho 20/2021 é de 9,8 milhões de toneladas, uma redução de mais de 4,9 milhões de toneladas quando comparada a produção inicial esperada. A perda percentual é de 33%. No momento o maior volume perdido de milho está na região Oeste, totalizando 1,8 milhão de toneladas ou 37% da perda total do estado.

As chuvas que ocorreram durante o mês de junho de 2021 contribuíram para uma redução da perda no campo e estabilização das condições gerais de lavoura. O relatório do DERAL/SEAB desta semana apontou que dos 2,51 milhões de hectares plantados no estado, 26% tinham

**Boletim Semanal\* – 25/2021 – 24 de junho de 2021**

condições boas, enquanto 42% apresentavam situação mediana e 33% condições ruins.

Os preços atuais (22/06/2021) do cereal apresentam estabilidade no mercado internacional quando comparado ao fechamento do mês de maio de 2021. Porém, em relação ao fechamento de abril de 2021, a queda é um pouco maior que 10%.

Já no mercado doméstico a situação é um pouco diferente. O preço recebido pelo produtor paranaense pela saca de 60 kg na semana passada (18/06/2021) foi de R\$ 79,94, uma queda de quase 13% quando comparado ao fechamento do mês de maio de 2021. Este descolamento do mercado internacional, em parte, é reflexo da valorização do real frente ao dólar.

## TRIGO

*\*Eng. Agrônomo Carlos Hugo Godinho*

Nova avaliação de área de trigo aponta uma área de 1,18 milhão de hectares, ante 1,17 projetados em maio e 1,14 plantados na safra anterior. Apesar de sutil, a revisão reflete o bom momento de campo. Há chuvas chegando em volume suficiente para uma boa germinação e em intervalos que permitem a entrada dos tratores a campo para a semeadura. As geadas registradas até o momento são

irrelevantes, pois a cultura encontra-se ainda nas fases vegetativas, muito tolerantes ao frio.

Neste cenário, a área de trigo já está 92% plantada, valor acima da média dos últimos 5 anos, e com 95% das lavouras em boas condições. O plantio agora deve evoluir na região mais fria do estado, onde foram verificados a maior parte dos reajustes de área neste mês. Nas regiões mais quentes, algumas lavouras devem começar a formar a espiga, quando geadas são prejudiciais, e as atenções devem se voltar para este fenômeno. Caso se mantenham as condições positivas observadas até o momento, estimamos colher uma safra de 3,8 milhões de toneladas a partir de setembro.

## MANDIOCA

*\*Economista Methodio Groxko*

Durante o mês de junho, os trabalhos de campo se voltaram para a colheita, preparo de solo e início de plantio de nova safra de mandioca. Nestas duas semanas prevaleceu a colheita, em função da necessidade de liberação das áreas arrendadas e pelo fato de as condições climáticas estarem favorecendo esta prática. Ressalte-se que, durante os meses de abril e maio, praticamente não choveu nas principais regiões produtoras de

**Boletim Semanal\* – 25/2021 – 24 de junho de 2021**

mandioca, o que prejudicou o arranquio e consequentemente elevou os custos de produção.

Com a volta das chuvas, a colheita se processa normalmente e com isso cresceu a oferta de matéria prima às indústrias de fécula e de farinha. Evidentemente, com a oferta maior de mandioca, as indústrias já reduziram a ociosidade, que em certas ocasiões ultrapassava a 40% da capacidade instalada. O crescente aumento na produção de fécula e de farinha e a redução na demanda por estes produtos, está pressionando as cotações em todos os segmentos da comercialização.

Na semana de 14/06/21 a 18/06/21, os produtores receberam em média de R\$ 470,00/t de mandioca posta na indústria. A fécula, no atacado, foi comercializada a R\$ 69,00/sc de 25 kg e a farinha por R\$ 95,00/sc de 50 kg. Vale ressaltar também que durante os meses de junho, julho e agosto ocorre a concentração da colheita, e por este motivo o mercado geralmente registra menores preços tanto ao produtor como no atacado. A fécula comercializada nos últimos dias teve como principal destino o segmento de massas e panificação.

## **BATATA**

*\*Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

Com 100% do total da área estimada plantada, os agricultores estão voltados para o manejo da cultura e a colheita. Até esta semana cerca de 61% do total da área foi colhida. O cultivo do segundo ciclo apresenta área estimada em torno de 12,2 mil hectares e volume estimado de 333 mil toneladas. Atualmente, as condições das lavouras são as seguintes: 81% boas, 18% médias e 1% ruins. Em torno de 223 mil toneladas do produto foram comercializadas, percentual este que representa 69% do volume total estimado para a safra.

O levantamento do Deral na semana de 14/06 a 18/06/21 mostra que produtores receberam, em média, R\$ 39,50/sc de 50 kg para o tubérculo. Comparando-se à semana anterior, a batata reduziu cerca de 13%. Com a intensificação da colheita nas diversas regiões do país, a queda dos preços vem aumentando a cada semana.

## **LEITE**

*\* Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

### **Situação atual das importações e exportações de lácteos**

As importações de lácteos, especialmente de leite em pó, provenientes de países do Mercosul (principalmente da Argentina), já há anos vêm causando sérios

**Boletim Semanal\* – 25/2021 – 24 de junho de 2021**

impactos negativos a cadeia leiteira nacional. Esses produtos muitas vezes chegam ao nosso mercado a preços bastante competitivos, devido ao menor custo de produção nos países de origem e também devido a questões tributárias, o que torna de certa forma desleal a competição com o produto nacional.

No mês de fevereiro deste ano, a Associação Brasileira de Leite (Abralite), apoiada pela Câmara Setorial do Leite, pleiteou junto ao Ministério da Agricultura que os lácteos fossem colocados na lista de exceção do Mercosul, o que resultaria na incidência de impostos de importação “da mesma forma que o açúcar brasileiro, que é tributado nas exportações aos países vizinhos”.

A situação atual é de demanda interna retraída, especialmente de produtos lácteos como: leite em pó, longa vida e muçarela. O ano de 2021 tem apresentado demanda enfraquecida devido a diminuição do poder de compra dos consumidores (efeito pandemia), especialmente após retração do auxílio emergencial. Entretanto, pelo lado da oferta, o elevado volume das importações gera um aumento na disponibilidade interna de lácteos ao mesmo tempo que a demanda se retrai. A soma

desses fatores impõe um cenário de queda nos preços do leite pago aos produtores.

**Balança Comercial Brasileira**

*Importação de lácteos (Brasil)*

Janeiro a Maio / 2020

Valor (US\$) - 146.156.812

Volume (T) - 43.362

Janeiro a Maio / 2021

Valor (US\$) - 205.557.688

Volume (T) - 63.425

*Exportação de lácteos (Brasil)*

Janeiro a Maio / 2020

Valor (US\$) - 28.143.359

Volume (T) - 12.123

Janeiro a Maio / 2021

Valor (US\$) - 43.564.963

Volume (T) – 16.805

Como podemos avaliar nos números expostos acima, as importações têm sido extremamente mais relevantes que as exportações, o que atesta o demonstrado no texto. Comparando-se os meses de janeiro a maio de 2020, no mesmo período de 2021 o acréscimo em volume importado foi de 46%.

*Importação de lácteos (provenientes do Uruguai e Argentina)*



**Boletim Semanal\* – 25/2021 – 24 de junho de 2021**

Janeiro a Maio / 2020

Valor (US\$) - 108.965.672

Volume (T) – 35.992

Janeiro a Maio / 2021

Valor (US\$) - 175.425.202

Volume (T) - 56.505

*Exportação de lácteos (para Uruguai e Argentina)*

Janeiro a Maio / 2020

Valor (US\$) - 3.002.511

Volume (T) - 1.678

Janeiro a Maio / 2021

Valor (US\$) - 4.186.331

Volume (T) - 2.783

Acompanhando logicamente o total nacional, as importações provenientes do Uruguai e Argentina também se elevaram significativamente: o acréscimo para estes países foi de 57% entre janeiro a maio de 2020/2021. De acordo com os dados expostos, os países do Mercosul (Uruguai e Argentina), responderam por 89% do total das importações de lácteos brasileiras.

No que diz respeito a acabar com as importações, é uma discussão de longa data e torna-se uma solução impossível. O que pode ser feito, como já está sendo, são pleitos junto ao MAPA que restrinjam o avanço descontrolado das importações. Este ano, o que limitou um avanço ainda

maior foram os altos preços dos lácteos praticados no mercado externo (a exemplo tonelada do leite em pó cotada acima de US\$ 4.000,00). Entretanto, o cenário de aumento dos preços internos dos produtos devido à queda na produção interna pode contribuir para a manutenção das importações em alta.

A solução sólida mais viável para este entrave do setor seria aumentar nossa competitividade comercial externa de produtos lácteos, a exemplo de outros produtos de origem animal, como frangos, suínos e carne bovina. Para isso devemos trabalhar questões como sazonalidade de produção, custos, sanidade e qualidade dos produtos. Esses fundamentos já têm sido trabalhados pelas lideranças do setor a nível nacional e também no estado do Paraná. Os estados do Sul, inclusive, têm tratado dessas questões em conjunto dentro da Aliança Láctea Sul Brasileira, fórum de grande sucesso que vem avançando na busca de soluções para esse importante gargalo comercial.

## Boletim Semanal\* – 25/2021 – 24 de junho de 2021

## MEL

\* Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade

**Exportação nacional de mel cresceu 63,6% de janeiro a maio de 2021**

Segundo Agrostat Brasil, de janeiro a maio de 2021, as agroindústrias da apicultura brasileira exportaram 25.637 toneladas de *mel in natura*, volume 63,6% maior do que aquele obtido em igual período de 2020 (15.668 toneladas). O faturamento em dólares foi de US\$ 87,718 milhões, quase 3 vezes mais que o valor alcançado em igual período de 2020 (US\$ 30,478 milhões).

O preço médio nacional do mel exportado, em 2021, atingiu o valor de US\$ 3.421,55/tonelada (US\$ 3,42/Kg), 75,9% a mais que o valor médio de igual período do ano de 2020 (US\$ 1.945,25/tonelada / US\$ 1,95/Kg).

Considerando-se os cinco meses de 2021, o estado do Paraná destacou-se na condição de terceiro maior exportador de *mel in natura* (receita cambial: US\$ 17,692 milhões, volume: 5.420 toneladas e preço médio: US\$ 3.255,00/tonelada / US\$ 3,26/kg), com crescimento de 29,2% no volume (2020: 4.196 toneladas) exportado e 128,4% no faturamento (2020: US\$ 7,725 milhões).

Dessa vez, no acumulado de janeiro a maio de 2021, o estado de Santa Catarina é quem despontou como maior exportador (US\$ 23,491 milhões, 6.956 toneladas e US\$ 3.377,01/tonelada). Em segundo lugar aparece o estado do Piauí (US\$ 23,927 milhões, 6.839 toneladas e US\$ 3.498,59/tonelada).

Em 4º lugar, continua o estado de São Paulo (US\$ 7,480 milhões, 2.228 toneladas e US\$ 3.357,30/tonelada) e em 5º, Minas Gerais (US\$ 6,456 milhões, 1.842 toneladas e US\$ 3.504,72/tonelada).

O principal destino para o mel brasileiro, em 2021, continua sendo os EUA (com 77,8% de todo volume exportado: 25.637 toneladas): volume de 19.956 toneladas, receita cambial de US\$ 68,122 milhões e preço médio de US\$ 3.413,61/tonelada.

Tais números da importação norte-americana em 2021 representam um crescimento de 58,8% sobre o volume exportado (12.563 toneladas) e de 184,9% sobre o faturamento (US\$ 23,912 milhões) sobre aqueles do ano anterior.

Dentre outros importantes países destinos do mel brasileiro nos cinco meses de 2021, estão (volume, faturamento, preço médio): 2º - Alemanha (2.615 toneladas / US\$ 8,934 milhões / US\$ 3,42/kg), 3º -



**Boletim Semanal\* – 25/2021 – 24 de junho de 2021**

Canadá (1.260 toneladas / US\$ 4,454 milhões / US\$ 3,54/kg), 4º - Reino Unido (515 toneladas / US\$ 1, 782 milhão / US\$ 3,43/kg), 5º - Austrália (300 toneladas / US\$ 980.616 / US\$ 3,27/kg), 6º - Bélgica (283 toneladas / US\$ 926.190 / US\$ 3,27/kg) e Países Baixos (283 toneladas / US\$ 963.426 / US\$ 3,40/kg), 7º - Panamá (101 toneladas / US\$ 355.023 / US\$ 3,52/kg), 9º - China (60 toneladas / US\$ 247.495 / US\$ 4,12/kg), e, 10º - Áustria (59 toneladas / US\$ 222.657 / US\$ 3,77/kg).

## COGUMELOS

*\* Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade*

### Paraná destaca-se na produção de cogumelos comestíveis

O consumo de cogumelos no Brasil expandiu-se fortemente com o crescimento da cozinha oriental e entre os adeptos de dietas vegetarianas (ANPC, 2019).

De acordo com a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (2019), o Estado de São Paulo concentra a maior produção de cogumelos do Brasil com em cerca de 505 produtores distribuídos em 93 municípios paulistas, alcançando uma produção anual em torno de 12 mil toneladas de cogumelos.

O cultivo de cogumelos é realizado, nas regiões próximas à capital, como

Sorocaba, Mogi das Cruzes, Campinas e Bragança Paulista, por pequenos produtores que anteriormente se dedicavam à produção de hortaliças ou pecuária.

Embora ainda não faça parte da dieta regular da população brasileira, o interesse pelos cogumelos é crescente, impulsionado pelo seu reconhecido valor nutricional (Furlani; Godoy, 2007).

A produção de cogumelo no país passou a crescer beneficiando-se com o boom de restaurantes japoneses inaugurados no Brasil entre 2005 e 2010. Hoje, 80% dos produtores brasileiros de cogumelos são pequenos e médios agricultores familiares.

Estima-se que o consumo pela população brasileira seja em torno de 0,16 kg/pessoa/ano, muito aquém dos países europeus (2,0 kg/pessoa/ano) e asiáticos (6,0 a 8,0 quilos/pessoa/ano), segundo a Associação Nacional dos Produtores de Cogumelos (ANPC, 2019).

Os principais cogumelos produzidos no Brasil são o cogumelo de Paris ou champignon (*Agaricus bisporus*), o shiitake (*Lentinula edodes*), o shimeji (*Pleurotus ostreatus*): (em variações branco e preto), Hiratake (uma variedade de Shimeji cor de rosa).

**Boletim Semanal\* – 25/2021 – 24 de junho de 2021**

A produção brasileira de cogumelos não é capaz de suprir a demanda, sendo necessário a importação do produto de outros países para atender o mercado interno, detectando-se um mercado promissor com possibilidades de incrementos da produção.

No Paraná, o cultivo de cogumelos comestíveis (Champignon de Paris/ Shiitake / Shimeji), realiza-se em municípios das regiões de Curitiba, Guarapuava, Irati, Ponta Grossa, Londrina e União da Vitória. No âmbito nacional, existem cultivos de cogumelos em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Brasília e no Rio Grande do Sul.

No território paranaense também se cultiva o cogumelo *Agaricus blazei*, que segundo a Associação Nacional de Produtores de Cogumelos (ANPC), é mundialmente apreciado por suas qualidades gastronômicas e especialmente por suas propriedades medicinais, sendo conhecido comumente por várias denominações, tais como, “Cogumelo Medicinal”, “Champignon do Brasil”, “Royal Sun *Agaricus*”, “The Brazilian Medicinal Mushroom” e, no Japão “Himematsutake.

O *Agaricus blazei*, no Brasil, é conhecido popularmente como cogumelo-do-sol, sendo inicialmente cultivado apenas

em canteiros desprotegidos no campo, daí derivando-se o nome. É originário das regiões serranas da Mata Atlântica do sul do Estado de São Paulo, sendo que na década de 1970 foi levado para o Japão, onde suas propriedades medicinais começaram a ser estudadas. (Ereno, Dinorah - Pesquisa Fapesp, 2004)

Para fins nutricionais e medicinais (nutricênticas), também é cultivado o *Ganoderma lucidum*, conhecido pelos japoneses como Reishi ou Mannentake (cogumelo-divino), pelos chineses e coreanos como Ling Chih ou Ling Zhi (cogumelo-da-imortalidade) e pelos brasileiros como cogumelo-rei ou cogumelo-brilhante, é o fungo medicinal mais famoso do mundo, particularmente na China, na Coreia do Sul, no Japão e nos Estados Unidos (URBEN et al., 2004; WILLARD, 1990) - (E-book Embrapa - 2017).

**Fiquem conectados no DERAL:**

[www.agricultura.pr.gov.br](http://www.agricultura.pr.gov.br)

[www.facebook.com/deralseab.pr](https://www.facebook.com/deralseab.pr)

[https://instagram.com/deral\\_pr](https://instagram.com/deral_pr)

[https://twitter.com/do\\_deral](https://twitter.com/do_deral)

***Informe-se, compartilhe, interaja!***